

GÊNERO, ESPORTE E DEFICIÊNCIA NA COBERTURA FOTOGRÁFICA DOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO-2016

TATIANE HILGEMBERG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
BOA VISTA, RORAIMA, BRASIL
TATIANEHILGEMBERG@GMAIL.COM

BRYAN CHRYSTIAN DA COSTA ARAÚJO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
BOA VISTA, RORAIMA, BRASIL
BRYANCCA@HOTMAIL.COM

ARIENE DOS SANTOS LIMA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
BOA VISTA, RORAIMA, BRASIL
ARIENEDOSSANTOSLIMA2016@GMAIL.COM

GÊNERO, ESPORTE E DEFICIÊNCIA NA COBERTURA FOTOGRÁFICA DOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO-2016

Resumo: O presente artigo reflete sobre as discussões de esporte, deficiência e gênero a fim de determinar a representação social da mulher atleta com deficiência. O corpus de análise constitui-se das fotografias publicadas nos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e Zero Hora, durante os Jogos Paralímpicos de 2016, que apontaram maior presença das atletas com deficiência no momento competitivo, e menor trivialização da performance.

Palavras Chave: Gênero; Deficiência; Jogos Paralímpicos; Mídia.

GÉNERO, DEPORTE Y DISCAPACIDAD EN LA COBERTURA FOTOGRÁFICA DE LOS JUEGOS PARALÍMPICOS RIO-2016

Resumen: El presente artículo refleja sobre las discusiones de deporte, discapacidad y género para determinar la representación social de la mujer atleta con discapacidad. El corpus de análisis se constituye de las fotografías publicadas en los periódicos O Globo, Folha de S. Paulo y Zero Hora, durante los Juegos Paralímpicos de 2016, apuntando mayor presencia de las atletas con discapacidad en el momento competitivo, con menor trivialización de la performance.

Palabras Clave: Género; Discapacidad; Juegos Paralímpicos; Médios de Comunicación.

GENDER, SPORTS AND DISABILITY AT THE PHOTOGRAPHIC COVERAGE OF THE 2016 PARALYMPIC GAMES

Abstract: This paper reflects about sports, disability and gender, and aims to determine the social representation of female athletes with disabilities. We analysed photographs published at O Globo, Folha de S. Paulo and Zero Hora, during the 2016 Paralympic Games, that pointed out a larger presence of female athletes with disabilities at the competitive

Key-word: Gender; Disability; Paralympic Games; Media.

1 INTRODUÇÃO

O mundo para o sexo feminino sempre foi rodeado por diversos desafios, a trajetória da mulher desde os primórdios da estruturação da sociedade sempre foi marcada pela discriminação.

Diferenças sexuais continuam sendo pretexto para impor relações hierárquicas que apontam a supremacia e dominação do homem aliada à subordinação da mulher. Essa relação de gênero é encontrada em todas as classes sociais, em diferentes grupos étnicos e se reproduz a cada geração. (...) [O] dia-a-dia do ser homem e ser mulher se define por meio de práticas sociais das quais emerge o poder de um sexo sobre o outro. (ROMERO, 2004, p. 104).

E no esporte não poderia ser diferente. As primeiras aparições da mulher nessa arena ocorrem no final da Idade Média, quando em meio a rituais religiosos, que se confundiam com a prática esportiva, as mulheres participavam como ajudantes à caça de uma presa para o abate (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p.118).

Na antiga Grécia, os Jogos Olímpicos estavam interditados às mulheres. As medidas eram tão severas que, por exemplo, havia uma lei que regulamentava os jogos, e no artigo 5º era vetado que mulheres casadas assistissem às competições, com penalidade de morte (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p.118). E esta ideia permaneceu por um tempo significativo nos Jogos Olímpicos Modernos. De acordo com Gomes (2004) o Barão de Coubertin, pai dos Jogos Olímpicos Modernos, foi capaz de congrega a opinião pública na ideia de que os países da *British Commonwealth*, fossem considerados como independentes no campo desportivo, internacionalizou os Jogos ao defender que a sua realização não devia ficar confinada à Grécia, mas também durante 29 anos, tempo em que esteve à frente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Coubertin não concebia mulheres em competições onde participassem homens.

Existe uma “aura” de masculinidade que paira sobre o mundo esportivo, essa associação além de dificultar a inserção de mulheres, gera questionamentos sobre suas competências, e os papéis que desempenham na sociedade.

Assim, o esporte tem sido associado ao corpo atlético masculino, sendo que o corpo atlético ideal é visto como um corpo forte e capaz, e sem defi-

ciências e danos (DEPAUW, 1997; HARDIN et al., 2002). As imagens e ideias associadas a este corpo e seus atributos são a força, habilidade, resistência e velocidade.

Hargreaves (2000) afirma que as pessoas com deficiência são identificadas, julgadas e representadas em primeiro lugar através de seus corpos, vistos como imperfeitos, incompletos e inadequados. Qualquer um que não se enquadre na descrição de corpo atlético ideal é marginalizado ou tratado como “outro” no esporte. Schantz e Gilbert (2001) sugerem que as atletas com deficiência estão e são sujeitas a uma tripla discriminação, uma vez que, em geral, não se enquadram na perspectiva da fisicalidade, ou seja à representação social de corpo atlético ideal; não correspondem à ideia de masculinidade, identificada por características como agressividade, independência, força e coragem; nem pela sexualidade, definida como um visão socialmente esperada e aceita de comportamento sexual.

Neste artigo iremos ainda mais fundo nas discussões acerca de esporte, deficiência e gênero, uma vez que analisaremos as fotografias publicadas nos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e Zero Hora, durante os Jogos Paralímpicos de 2016, a fim de determinar a representação social da mulher atleta com deficiência, ou seja, iremos trabalhar com o duplo estereótipo: mulher e deficiência.

2 INVISIBILIDADE DA MULHER

Ao longo da história no que se refere ao esporte especificamente, as relações de poder sempre estiveram presente neste campo, o que ocasionou uma estrutura de desigualdade. Mesmo em meio a uma sociedade patriarcal a mulher conseguiu no decorrer dos anos construir seus espaços, a primeira participação de mulheres (há controvérsias em relação à quantidade de competidoras) em Olimpíadas se deu em 1900 em Paris, nos esportes de exibição, golfe e tênis. As provas femininas foram sendo incluídas, pouco a pouco, no programa Olímpico.

Contudo, mesmo com todos os avanços e conquistas das mulheres quando relacionados às questões de igualdade de gênero, ainda é possível perceber na sociedade a existência de uma barreira intransigente que continua a regulamentar e limitar o campo de atuação do gênero feminino na coletividade e a impede de alcançar total equidade em relação aos homens. Esse é um problema que se assevera quando resolvemos abordar as limitações impostas às mulheres com deficiência que encaradas como in-

capazes tem seu papel na sociedade restrito. Nessa situação, dois pontos de invisibilidade (gênero e deficiência) se conectam, tornando a atuação da mulher com deficiência cada vez mais ignorada.

Essa perspectiva não se altera no campo midiático, aqui as representações do gênero feminino e da mulher com deficiência são envoltas em estereótipos organizados para designar construtos culturais e sociais que definem seu papel na sociedade (HALL, 2003). Nesse sentido, as representações midiáticas podem ser encaradas como “encenações” com natureza já definida e, coincidentemente, como papéis que normalizam certos padrões.

É por meio dessas representações que os humanos experimentam o mundo e dão sentido às suas existências. Deste modo, a maneira como o campo midiático delimita os papéis da mulher com deficiência na sociedade podem ser considerados uma construção que se espelha nas representações que empregamos no campo social.

Conforme Barnes (1992), os estereótipos que costumam adjetivar o indivíduo com deficiência como sujeito anormal continuam a ser trabalhados na mídia. Estes tendem a comparar os corpos das pessoas tidas como “normais” com os corpos que apresentam algum tipo de deficiência.

Como explica Biroli (2011) esses estereótipos atuam na formação e constituição das identidades de grupos e sujeitos e seus locais na sociedade. Assim, estes passam a se organizar por meio de categorias que elaboram padrões sociais – estas com o objetivo de propor a normatização de papéis socialmente estabelecidos e de garantir uma organização social que favorece apenas a maioria. Resultando na dupla invisibilidade de gênero e da deficiência.

Os estereótipos que continuam a ser associados às mulheres com deficiência na mídia relacionam sua imagem a uma pessoa infantilizada pela sociedade, inapta sexualmente, considerada nula. Uma imagem que relaciona a ideia de uma supervalorização dos aspectos físicos da sexualidade e dos genitais. É negado às mulheres com deficiência até mesmo a capacidade de realizar as atividades que historicamente são relegadas ao gênero feminino: como o de dona de casa e ser mãe (FOSTER; SANDEL, 2010; SHAKESPEARE, 1998).

Por consequência, se o campo midiático passa a representar apenas valores socioculturais de um grupo específico, na maioria das vezes um grupo possuidor de privilégios em relação aos demais, este acaba por tornar-se favorável à construção e normalização de padrões, passando a trabalhar “(...)

a favor da reprodução de estereótipos que justificam ou são uma espécie de ‘caldo de cultura’ da própria dominação” (BIROLI, 2011, p.72). Fator que justifica a insistente invisibilização das mulheres com deficiência na mídia e na consequente desigualdade social entre homens e mulheres.

O esporte mudou ao longo do tempo. Uma mudança lenta e gradual que não aconteceu, nem acontece, de forma linear, mas sim fluante e em confluência com outras forças. Como parte dessas mudanças vemos o esporte tanto como lugar de conformidade com valores sociais dominantes, reproduzindo desigualdades, quanto local de resistência e mudanças desses mesmos valores (DEPAUW, 1997).

Como é no corpo que está inscrita a diferença muitos pesquisadores acreditam que a materialidade oprime as pessoas com deficiência. Dessa forma, sendo o corpo de fundamental importância para a prática esportiva, concordamos com Howe (2012) que afirma ser esse um dos motivos pelo qual o esporte é um campo pouco explorado por aqueles que se dedicam à pesquisa das questões que envolvem a deficiência.

3 MODELOS QUE EXPLICAM A DEFICIÊNCIA

A forma como o corpo é, e foi, visto, entendido, interpretado e estudado pelas diversas disciplinas influenciou sobremaneira na forma com que a deficiência é, e foi, vista, entendida, interpretada e estudada. O *Critical Disability Studies*, anteriormente *Disability Studies*, engendrou modelos para a análise da deficiência que se utilizam das mesmas disciplinas que se debruçam sobre o corpo.

No modelo médico, também conhecido como individual ou tradicional, a deficiência é vista como um problema que precisa ser tratado. Através deste modelo busca-se que as pessoas com deficiência sejam, ou voltem a ser, funcionais para que assim possam ser integradas à sociedade (KAMA, 2004). Este modelo trabalha a partir de uma perspectiva biológica e vê as limitações individuais como a principal causa das múltiplas dificuldades experienciadas pelas pessoas com deficiência (BARNES et al., 1999).

Para além disso, as pressões contemporâneas para atingir padrões específicos de boa forma e competência criam grande parte dos critérios sobre o que significa ser normal ou sem deficiência (BARNER et al., 1999). Vemos ainda a medicalização do mito do corpo perfeito que faz com que a sociedade trate as pessoas com deficiência como “outros”. O enfoque deste modelo, portanto, recai sobre a patologia, sendo baseado no diagnóstico e em

soluções médicas.

Face à crescente insatisfação com a explicação medicalizada dominante que prevaleceu durante o século XX, este pensamento e prática ortodoxos começaram a ser questionados por diversas organizações autônomas a partir do final dos anos 1960 quando ativistas, especificamente pessoas com deficiência, se organizaram e ergueram bandeiras contra o modelo vigente (THOMAS; SMITH, 2009; HUGHES, 2000).

Surge o modelo social que rejeita a visão de que a deficiência é causada pela presença de um “defeito”, e transfere o foco do corpo para o ambiente e as barreiras que excluem as pessoas com deficiência da sociedade (THOMAS; SMITH, 2003). Nesse modelo, a pessoa com deficiência é construída por mecanismos de repressão cultural e institucional que policiam o corpo e a construção de um mundo inacessível. Esta abordagem foca um conjunto de causas estabelecidas externamente, ou seja, os obstáculos impostos às pessoas com deficiência que limitam suas oportunidades de participar na sociedade (BARNES et al., 1999).

A perspectiva do modelo social foi fundamental para que fatores econômicos e políticos fossem repensados, e para que a pessoa com deficiência passasse a, efetivamente, ter direitos. Contudo, tal como aconteceu com o modelo médico, o desenvolvimento do pensamento acerca da deficiência levou também o modelo social a ser alvo de críticas. E foram as feministas as primeiras a apontar os problemas do modelo social. Foram elas que pela primeira vez trouxeram o tema da dor e da experiência do corpo com deficiência e do corpo doente – aqueles que não serão produtivos ou independentes – para o centro das discussões. A filósofa sueca Eva Kittay (1999) argumenta em seu livro *Love's Labor: essays on women, equality, and dependancy* que o modelo social ignorou o cuidado, que é o ponto central da maioria das organizações sociais voltadas à pessoa com deficiência; e ao contrário do modelo social acredita que a interdependência era o valor que melhor expressa a condição humana, ou seja, as relações de dependência são inevitáveis à vida social. As feministas assim queriam que a necessidade do cuidado, demanda de vários grupos de pessoas com deficiência, fosse reconhecido, o que era um incômodo para os teóricos da primeira

A crítica feminista fez com que o olhar se voltasse também para o corpo, e apontou que havia convergência de opressões (raça, gênero, orientação sexual, idade). Assim, a principal crítica ao modelo social britânico é o fato de que ele representava o esquecimento da experiência fenomenológica do

corpo. As fronteiras entre o corpo físico e social ficam cada vez mais borradas.

4 MÉTODO E CORPUS

Este estudo visa analisar como as mulheres atletas com deficiência foram representadas durante os Jogos Paralímpicos de 2016. Especificamente, nosso objetivo é examinar as fotografias jornalísticas de mulheres-atletas nos Jogos Paralímpicos de 2016, que reuniram 4.328 atletas, dos quais 2.657 (61%) homens e 1.671 (38%) mulheres, de 159 países, participando em 22 esportes diferentes (IPC, 2016).

A nossa amostra inclui apenas as notícias e reportagens que possuíam fotos de mulheres-atletas, excluindo, portanto, artigos opinativos, cartas ao editor, crônicas e editoriais, publicadas pelos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e Zero Hora, durante os 12 dias de evento, de 06 a 19 de Setembro de 2016.

Não temos a intenção de nos aprofundar nas diferenças entre os títulos, mas sim nas relações que interessam a representação de gênero e deficiência nas fotografias e temas.

Obtivemos uma amostra de 70 fotografias com foco em mulheres, investigadas através de análise de conteúdo utilizando as seguintes categorias:

- a) Tema: ‘Prática Esportiva’ (no qual se inserem informações sobre treinamento, expectativas, performance, resultados, abertura do evento, bastidores, estreias, etc.); ‘Atleta Paralímpico’ (no qual observamos as histórias de vida das atletas, apresentação de atletas, características físicas e/ou psicológicas, entre outras); ‘Jogos Paralímpicos’ (informações sobre cerimônias de abertura e encerramento; problemas do evento; estrutura; bastidores); ‘Outros’.

- b) Ângulo da Fotografia – foi codificado como ‘Plano Geral’ no qual o corpo inteiro da atleta é mostrado; ‘Plano Médio’ apresentando o corpo da cintura para cima; ‘Plano Americano’ em que o corpo é mostrado do joelho para cima; ‘Close’, ângulo no qual somente o rosto ou cabeça da atleta é mostrado; ‘Plano Detalhe’ que apresenta foco em algum detalhe da imagem ou foca em uma parte específica do corpo.

- c) Composição da fotografia - Uniforme com ação, ou seja, a atleta vestia o uniforme da seleção nacional e foi fotografada em um momento de competição; Uniforme sem ação, a atleta vestia o uniforme da seleção, mas fora do momento de competição; Pose, a atleta estava sem o uniforme competitivo

e posa para a câmera; Sem uniforme com ação, a atleta está em momento de competição, mas não está, ou não é possível identificar se está, trajando o uniforme da seleção; Sem uniforme e sem ação, a atleta está fora do momento de competição, mas não está, ou não é possível identificar se está, trajando o uniforme da seleção; Não identificável, quando não for possível identificar a composição da fotografia.

d) Apresentação da Deficiência: nesta categoria observamos se a deficiência era visível ou invisível na fotografia.

e) Tipo de Deficiência – no caso de a deficiência ser visível descrevemos qual a deficiência do(a) atleta.

5 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Não é apenas no contexto social que a mulher sofreu, e sofre, exclusão, e é por isso que as manifestações feministas têm com um de seus propósitos tornar visíveis suas lutas para conseguir um papel importante também na arena esportiva. Mediante ações e práticas as mulheres já se encontram inseridas no ambiente esportivo, atualmente há participação feminina nas diversas formas de competições. Todavia, o caminho sempre foi cercado por muitas barreiras, seja no meio ou por sua representação na mídia.

As fotografias atraem a atenção, percepção, emoção e causam envolvimento, e estão em todos os lugares e, sobretudo, no jornalismo, constituem uma importante ferramenta da prática informativa. Logo, a maneira como recebemos esse tipo de informação exige uma maior atenção. Como ferramenta midiática, existem decisões editoriais envolvidas nos registros das fotografias, como, por exemplo, a escolha do ângulo, o enquadramento, composição e outros que esclarecem a forma como o campo midiático orienta as percepções do receptor sobre a vida social (FLUSSER, 1985). Quando as fotografias são “construídas” e veiculadas, são enquadradas através de ideologias. Quem está enquadrado, quem não está, e como são apresentados expõe importantes mensagens ao consumidor. Na cobertura esportiva as fotografias têm, principalmente, a função de emocionar, entreter e/ou ilustrar.

Nesse aspecto entendemos que a mídia é uma das responsáveis pela visibilidade ou invisibilidades das mulheres no esporte, uma vez que transmite à sociedade o recurso primário para as ressignificações, negativa ou positiva. Para Romero (2004), o tratamento é diferenciado pela mídia esportiva aos atletas masculinos, à mulher é relegado um olhar como ser inferior

nesse sistema.

Tabela 01 - Gênero do atleta representado nas fotografias

	Frequência	Porcentagem
Homem	207	70%
Mulher	70	24%
Ambos	09	3,5%
Não identificável	08	2,5%

Buysse e Borcheding (2010) analisaram impressos de cinco países (China, Itália, Nova Zelândia, África do Sul e Estados Unidos) na cobertura dos Jogos de 2008 em Pequim e perceberam que os homens são representados três vezes mais do que as mulheres. Lee (2013) também realiza uma pesquisa multicultural (Austrália, China, Reino Unido, África do Sul e Estados Unidos) sobre a cobertura fotográfica das Paralimpíadas de 2012 em Londres e seus resultados apontam que 61,9% das fotografias publicadas nos impressos analisados focalizavam homens e 33,8% mulheres. Resultado ainda mais díspar foi encontrado por Ayvazoglu (2015) que analisou o impresso esportivo turco Fanatik de 2007 a 2011 e das imagens encontradas apenas 6,6% enquadravam mulheres. Nosso estudo também confirma esses dados, 24% das fotografias representavam atletas do sexo feminino, enquanto 70% retratavam homens.

Essa diferenciação, quantitativa e qualitativa, não é exclusiva do esporte paralímpico, o olímpico também aponta para a prevacente cobertura masculina. Nos últimos 30 anos, pesquisadores do mundo todo têm comparado a cobertura midiática direcionada a atletas homens e mulheres nos jornais esportivos e Caderno de Esportes de jornais generalistas. Esses estudos concluem que matérias e fotografias sobre o esporte feminino e sobre a atleta mulher apresentam-se em número reduzido, e, no geral, tendem a sub-representá-las.

Tabela 02 - Ângulo da fotografia

	Frequência	Porcentagem
Plano Geral	29	41%
Plano Médio	19	27%
Plano Americano	10	14%
Close	11	16%
Plano Detalhe	01	1%

Com os resultados da Tabela 2 notamos que a maior quantidade de fotografias de atletas parolímpicas apresenta o corpo através do Plano Geral com 29 fotos (41% - plano em que o corpo inteiro da pessoa é mostrado). O segundo ângulo com mais frequência foi o Plano Médio com 19 fotografias (27% - apresentando o corpo da cintura para cima) demonstrando mudanças positivas com relação a perspectivas do corpo de atletas com deficiência. Esses dados são reforçados pelos pesquisadores Chang e Crossman (2009), Lee (2013) e Figueiredo (2017) que ao analisar a cobertura de impressos sobre as Paralimpíadas de 2004 e 2012 concluíram que os jornais tendiam a representar o corpo dos atletas em sua totalidade, evidenciando uma certa abertura para com o corpo de atletas com deficiência.

Muitos autores afirmam que quando as mulheres atletas com deficiência são retratadas pela mídia, na maioria das vezes seus rostos são enquadrados, ao contrário das atletas sem deficiência cujo corpo é todo representado. Nosso estudo revela que 16% das fotografias enquadraram o rosto da atleta, sendo apenas o terceiro enquadramento em frequência.

Figura 01: Imagem em Plano Geral



Fonte: O Globo, 09/09/2016, p. 06, Caderno Rio 2016.

Figura 02: Imagem em Plano Médio



Fonte: O Globo, 07/09/2016, p. 08, Caderno Jornal Paralímpico

Figura 03: Imagem em Close



Fonte: Folha de S. Paulo, 11/09/2016, p. B11, Caderno de Esportes

Todavia, mesmo com o corpo da atleta sendo representado por inteiro, estaria o corpo feminino da atleta paralímpica isento de censuras que ocultem sua deficiência?

Tabela 03: Apresentação da deficiência

	Frequência	Porcentagem
Visível	39	56%
Invisível	31	44%

Alguns pesquisadores acreditam que ao focar a deficiência, ou a diferença corporal, da atleta os jornais estariam negando sua identidade. Discordamos dessa ideia. Howe (2012), por exemplo, acredita que enquanto o corpo for o foco do esporte, os atletas com deficiência continuarão a ser vistos como menos que capazes. Contudo, a deficiência é parte da identidade social da atleta paralímpica, como a teoria da identidade social sugere, temos múltiplas identidades sociais que juntas definem quem somos, portanto, ignorar a deficiência é ignorar parte de quem são as atletas. Hall (1997) afirma que o esporte é uma das áreas em que parece natural enfatizar o corpo, que é o instrumento através do qual o atleta desempenha suas habilidades e representa a beleza atlética.

Buyse e Borchering (2010), analisaram 12 jornais impressos de cinco países durante os Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 e chegaram à conclusão de que a deficiência do atleta era invisível em 61% dos casos. Bertling (2012) encontra resultados semelhantes na imprensa alemã, ou seja, a maioria das fotografias tendia a esconder a deficiência do atleta através de técnicas de sombras ou artifícios similares.

Ao analisar a cobertura fotográfica de atletas mulheres nos Jogos Paralímpicos de 2012 pela Globo.com, Figueiredo (2014) também identificou que em 58,1% das fotografias a deficiência estava invisível. Já Pappous, Marcellini

e Léséleuc (2011) avaliaram a cobertura fotográfica de Sydney/2000 a Pequim/2008 em cinco jornais europeus e seus dados apontam que em Sydney a maioria das fotografias publicadas (82%) deixava pelo menos uma evidência de que o personagem retratado possuía deficiência, em Pequim esse número caiu para 42%. Nossos dados não corroboram esses estudos, uma vez que na maioria das fotografias a deficiência era visível e identificável (56%).

Os corpos apresentados nesse período não costumam ilustrar jornais diários, nem possuem visibilidade na mídia, que exige corpos perfeitos, a maioria das pesquisas realizadas no âmbito do esporte paralímpico ratificam essa ideia, o que tornou difícil para nós encontrar explicações específicas para o fato de em nossa amostra o corpo da atleta paralímpica ter sido apresentado de forma a expor sua deficiência. Podemos, no entanto, trabalhar com algumas hipóteses.

Primeiro, a visibilidade da deficiência pode dar mais legitimidade no processo de construção da imagem da atleta paralímpica, uma vez que no corpo se insere a história, tanto do indivíduo quanto do grupo ao qual pertence. E quanto mais identificado com o grupo mais diferenciado ele estaria dos outros e maior será a percepção de diferença entre “eu” e “outro”. A segunda hipótese pode estar relacionada à evolução das relações sociais. O desenvolvimento do *Critical Disability Studies*, acrescido de mais informações sobre a deficiência, além de ideias e valores de inclusão podem levar a sociedade a ver a pessoa com deficiência de forma menos preconceituosa, e essa visão ser refletida nos enquadramentos fotográficos apresentando o corpo deficiente. E a terceira, pode relacionar-se a outra categoria de análise: o tipo de deficiência visível nas fotografias (Tabela 4).

Segundo Marcellini (2012) quando o corpo do atleta é equipado ou até inserido em uma máquina, ou em aparatos tecnológicos, maior a chance dele se tornar visível constituindo a imagem de corpo controlado, eficiente, ativo e tecnológico. O corpo representado é híbrido, penetrado pela tecnologia e borrando as fronteiras. “Recortado, maquínico e com deficiência, mas tecnológico, biológico e potencializado: um corpo de significados e formas plurais que, interpelado por práticas discursivas, transita pelas fronteiras de seus limites” (NOVAES, 2006, p. 52-53).

A maior exposição desses corpos pode ser comprovada pela variável “tipo de deficiência” que aponta que das deficiências visíveis nas fotografias a maioria eram deficiências visuais, seguidas por cadeirantes e amputações.

Tabela 04: Tipos de deficiência

	Frequência	Porcentagem
Cadeirante	15	38%
Amputação	08	21%
Deficiência Visual	16	41%

Vários outros pesquisadores também têm reportado que os atletas mais frequentemente enfocados são aqueles com deficiência física, e o grupo mais representado são os atletas do sexo masculino e cadeirantes (SCHANTZ; GILBERT, 2001; HARDIN; HARDIN, 2003; THOMAS; SMITH, 2003; BUYSSE; BORCHEDING, 2010). Hardin e Hardin (2003) chamam isso de hierarquia da deficiência construída pela mídia, onde os homens cadeirantes estão no topo porque eles são o mais próximo do competidor ideal entre os atletas com deficiência. DePauw (1997), contudo, argumenta que isso se dá porque a cadeira de rodas pode ser vista como substituta dos membros inferiores, enquanto a parte superior do corpo do atleta oferece um físico “aceitável” e “aparentemente normal”.

O estudo de Raab e Janda (2012) sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Pequim/2008 pela televisão pública alemã, aponta que os cadeirantes foram representados em 18% do material, seguido por amputados, e atletas com deficiência visual. Lee (2013) aponta o mesmo caminho da cobertura dos Jogos de Londres por impressos de cinco países – 40,1% das fotografias representam cadeirantes e 38,3% amputados. O que percebemos dessas pesquisas, juntamente com os nossos resultados, é que a ordem se altera, entretanto os atletas com as deficiências mais apresentadas são cadeirantes, amputados e visuais.

O corpo com deficiência geralmente é apresentado em momento de competição, correspondendo ao típico exemplo das clássicas imagens esportivas, exibindo alegria, ou sofrimento (MARCELLINI, 2012). Ou seja, a deficiência seria apresentada dentro do contexto esportivo em momentos de pódio, celebração ou tristeza pela derrota. O corpo comunica, contando a história do atleta através da gramática de movimentos. Esse corpo diferente pode chocar e angustiar as pessoas sem deficiência, uma vez que se afasta da ideia de corpo belo e atlético, despertando atitudes de rejeição e repulsa.

Tabela 05: Composição da fotografia

	Frequência	Porcentagem
Uniforme com ação	43	61%
Uniforme sem ação	10	14%
Sem uniforme sem ação	02	3%
Sem uniforme com ação	01	1%
Pose	09	13%
Não identificável	05	7%

Pelos resultados identificados na Tabela 5 percebemos que nas fotografias a atleta paralímpica aparece em maior quantidade com o uniforme da seleção e em momentos de competição (Uniforme com ação) em 61% das fotos, um número alto principalmente se comparado a quantidade de vezes que as atletas aparecem com o uniforme da seleção fora dos momentos de competição (uniforme sem ação – 14%), correspondente à segunda categoria com maior número de fotografias. Chang e Crossman (2009) chegam a resultados semelhantes acerca da cobertura da Paralimpíada de 2004 notando que maior parte dos atletas (76,5%) era fotografado em momentos de ação. Figueiredo (2017) também corrobora esses dados mostrando que na competição paralímpica de 2012 as mulheres foram mais frequentemente representadas em momento de competição redirecionando o foco da fotografia para o desempenho atlético da mulher e desmistificando estereótipos sexuais geralmente atribuídos ao gênero.

O fato, conforme explicitado acima, de a maior parte das fotos mostrarem o corpo todo da atleta paralímpica (Plano Geral – Tabela 2) pode estar ligado à circunstância de que em sua maioria a composição da foto apresenta a atleta em momentos de competição (uniforme com ação), pois o corpo com deficiência não estaria passivo para o olhar, os movimentos, nesse caso, podem desviar a atenção para a competição (FIGUEIREDO, 2017). Essa representação que tende a excluir o foco do corpo feminino tende a estar relacionado aos estereótipos acerca da sexualidade do corpo da mulher com deficiência que costumeiramente são tratadas como seres assexuais por não possuírem um corpo dentro dos padrões estéticos socialmente estabelecidos.

A composição das fotografias nos encaminha para outro argumento que relaciona a representação das mulheres nas fotos com a abordagem dos temas das matérias publicadas. A partir disso, poderemos perceber como a mídia coordena a relação entre texto e imagem na estruturação de signifi-

cados sociais.

Figura 04: Composição Uniforme com ação



Fonte: Zero Hora, 09/09/2016, p. 41, ZH Paraolímpica

Figura 05: Composição Uniforme sem ação



Fonte: O Globo, 10/09/2016, p. 06, Rio 2016 - Paralimpíada

Tabela 06: Tema das matérias com foco nas mulheres

	Frequência	Porcentagem
Atleta Paralímpico	10	24%
Jogos Paralímpicos	2	5%
Prática Esportiva	27	66%
Outros	2	5%

Diversos estudos (DUMITRESCU, 2006; HOLLAND, 2004; JONES et al, 1999) apontam que as mulheres atletas são infantilizadas, geralmente representadas expressando emoções (tristeza, decepção, alegria, etc.), e também são sujeitas a uma forma de trivialização na qual os aspectos esportivos como treinos e performances são relegados a segundo plano pela mídia esportiva que foca em aspectos não esportivos como família, dia-a-dia,

histórias de vida.

Este ponto da análise apresenta controvérsias. Nosso estudo evidenciou, ao contrário do que a literatura prega, que a maioria das matérias estavam relacionadas à prática esportiva (66%), enquanto que os assuntos relacionados à história de vida, e em consequência sobre a deficiência da atleta, apareceram em 24% do material analisado (Tabela 6).

Nossos dados apontam que em sua maioria a abordagem jornalística de matérias com foco nas atletas paralímpicas abordam a preparação, bastidores, resultados, performances ou comemoração da vitória dessas atletas com um total de 27 matérias (66%) indicando a Prática Esportiva como tema mais recorrente. Esse é um resultado que faz bastante sentido quando relacionado com os dados acerca da composição das fotografias geralmente em momentos de competição (uniforme com ação) e fotografadas em Plano Geral mostrando o corpo por inteiro. A segunda categoria com maior número de matérias publicadas diz respeito ao Atleta Paralímpico como foco de 10 matérias (24%) abordando sua história de vida como tema central dos textos publicados.

6 CONCLUSÃO

Nossos resultados indicam diferença positiva no que diz respeito à representação da mulher, que aparece, na maioria das vezes, com o uniforme da seleção e em momento de competição, ou seja, sua performance não é trivializada. Duncan e Sayaovong (1990) observaram que as fotografias de mulheres atletas tendiam a retratar suas características físicas, como, cabelos, glúteos, seios, quadris, etc. Schantz e Gilbert (2001) e Lachal (2000) concluíram que existe certa tendência na mídia a deserotizar o corpo da atleta com deficiência, o que também percebemos em nosso estudo. Apesar de o corpo da atleta estar à mostra, bem como sua deficiência, a tendência para a fotografia em momento competitivo redireciona o foco para o desempenho atlético. Visto que há um movimento contra a objetificação da mulher, não só no esporte mas também em outras áreas, e uma crítica severa aos enquadramentos imagéticos em partes do corpo feminino, levando em conta que a cobertura esportiva é, muitas vezes, feita por, e para, homens, poderíamos concluir que a cobertura fotográfica das mulheres atletas com deficiência é mais positiva, uma vez que seu corpo não é erotizado. No entanto acreditamos que o motivo dessa representação diferenciada é porque as mulheres com deficiência são tratadas como seres assexuais.

A grande maioria das matérias analisadas focava o mundo esportivo (66%) com pouco espaço para se explorar situações familiares, alusões à vida amorosa, ou questões relacionadas à deficiência da atleta; além de apenas 30% das fotos apresentar as atletas sem ação. Tais resultados mostram que essa cobertura não rompe com a estrutura esportiva “convencional”, mas sim aproxima-se dela, buscando legitimidade. Ou seja, as atletas com deficiência estão mais inseridas no ambiente competitivo, no que diz respeito a sua representação, mas ocupam um lugar diferente das atletas sem deficiência.

REFERÊNCIAS

- AYVAZOGLU, N. R. Gender Parity in Media Coverage of Athletes with Disabilities in Turkey. *Journal of International Women's Studies*, 16, 3 Jul. 2015.
- BARNES, C. **Disabling imagery and the media**: An exploration of the principles for media representations of disabled people the first in a series of reports. Halifax: Ryburn, 1992.
- BARNES, C.; MERCER, G.; SHAKESPEARE, T. **Exploring Disability**: A sociological introduction. Cambridge: Polity Press, 1999.
- BERTLING, C. **Disability Sports in the German Media**. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.
- BIROLI, F. **Mídia, tipificação e exercícios de poder**: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a04>> Acesso em: 22 de abril de 2018.
- BUYSSE, J. A. N.; BORCHEDING, B. Framing Gender and Disability: A cross-cultural analysis of photographs from the 2008 Paralympic Games. *International Journal of Sport Communication*, 3, p. 308-321, 2010
- CHANG, I. Y.; CROSSMAN, J. “When there is a Will, there is a Way”: A quantitative comparison of the newspaper coverage of the 2004 Summer Paralympic and Olympic Games. *International Journal of Applied Sports Sciences*, 21, 2, 2009.
- DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of Disability: Cultural contexts and “sporting bodies. *Quest*, 49, 4, 1997, pp. 416-430.
- DUMITRESCU, A. **Representation of female athletes in Western and Romanian Media**. Florida: Florida State University, 2006.
- DUNCAN, M. C.; SAYAOVONG, A. Photographic Images and gender in Sports Illustrated for Kids. *Play and Culture*, v. 3, p. 91-116, 1990.
- FIGUEIREDO, T.H. **Atleta Real x Atleta de Papel: A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Rio de Janeiro, 2017.
- FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – Uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos

Paralímpicos de 2012. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, 11, 2, jul/dez 2014.

FOSTER, K.; SANDEL, M. Abuse of Women with Disabilities: Toward an Empowerment Perspective. **Sexuality and Disability**, 2010, v. 28, n.3, pp. 177-186.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**: Ensaios para uma future filosofia da fotografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

GOMES, P. B. Mulher e desporto: qual a agenda pedagógica do século XX. In: III Fórum de Debate sobre Mulher & Esporte: Mitos e Verdades, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2004, p. 17- 28.

HALL, S. The spectacle of the 'Other'. In: Hall, S. (Ed.) **Representation**: cultural representations and signifying practices, Londres: Sage/Open University, pp.223-290. 1997.

_____. **Da Diáspora: Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARDIN, M.; LYNN, S.; WALSDORF, K.; HARDIN, B. The Framing of Sexual Difference in Sports Illustrated for Kids Editorial Photos. **Mass Communication and Society**, 5, p. 341-360, 2002.

HARGREAVES, J. A.. **Heroines of Sport**: The politics of difference and identity. London: Routledge, 2000.

HOLLAND, P. The Politics of the Smile; Soft News and The Sexualization of the Popular Press. In CARTER C.; STEINER L. (Eds.), **Critical Readings, Media and Gender**. Maidenhead: Open University Press, 2004.

HOWE, D. The Imperfect Body. **Routledge Online Studies on the Olympic and Paralympic Games**: Book Chapters, 1, 4, 2012, pp. 100-152.

HUGHES, B. Medicine and the Aesthetic Invalidation of Disabled People. **Disability & Society**, 15, 4, 2000, pp. 555-568.

JONES, R., MURRELL, A. J. e JACKSON, J. Pretty versus powerful in the sports pages: Print media coverage of the US Women's Olympic gold medal winning teams. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 23, p. 183-192, 1999.

KAMA, A. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. **Communications**, 29, p. 447-466. 2004.

KITTAY, E. **Love's Labor**: essays on women, equality, and dependency. Nova York: Routledge, 1999.

LEE, M. J. **Images of Athletes with Disabilities**: An analysis of photographs from the 2012 paralympic games. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Kinesiology, University of Alabama, Alabama. 2013.

MARCELLINI, A. French Perspectives on the Media and Paralympics. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). **Heroes or Zeroes?** The media's perceptions of Paralympic sport. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.

NOVAES, V. S. **O Híbrido Paraolímpico: Ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre. 2006.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M. J. G. A inserção da mulher no esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, 16, 2, p.117-125, 2008

PAPPOUS, A., MARCELLINI, A., LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**, 14, 03, p. 345-354, 2011.

RAAB, N.; JANDA, S. Coverage of the Beijing Paralympic Games on German Television. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.) **Heroes or Zeroes?** The media's perceptions of Paralympic sport. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.

ROMERO, E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. III Fórum de Debate sobre Mulher & Esporte: Mitos e Verdades, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2004, p. 103-108.

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, 18, p. 69-94. 2001.

SHAKESPEARE, Tom. Poder y prejuicio: los temas de género, sexualidad y discapacidad. In: BARTON, Len (org.) **Discapacidad y sociedad**. Madrid: Ediciones Morata, 1998, pp. 205-229.

THOMAS, N., e SMITH, A. **Disability, Sport and Society** – An Introduction. Nova York: Routledge, 2009.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 20, p. 166-181. 2003.

Tatiane Hilgemberg

Docente do curso de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Mestre pela Universidade do Porto.

E-mail: tatianehilgemberg@gmail.com

Bryan Chrystian da Costa Araújo

Graduando do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Boa Vista, RR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq.

E-mail: bryancca@hotmail.com

Ariene dos Santos Lima

Graduanda do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Boa Vista, RR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq.

E-mail: arienedossantoslima2016@gmail.com